

FLANN O'BRIEN
O TERCEIRO POLÍCIA

romance

Tradução
Rita Carvalho e Guerra



cavalo de ferro

A tradução desta obra obteve o apoio financeiro de:
IRELAND LITERATURE EXCHANGE (translation fund), Dublin, Ireland.
www.irelandliterature.com
info@irelandliterature.com

Título original: The Third Policeman

© Evelyn O' Nolan, 1960

© Cavalo de Ferro Editores, 2015, para a presente edição

Revisão: Tiago Marques

Paginação: Finepaper, Lda.

ISBN: 978-989-623-206-1

1.ª edição, Junho de 2015

Direitos para a língua portuguesa (Portugal) adquiridos por:

© Cavalo de Ferro, marca propriedade de Theoria, Lda.

Rua das Amoreiras, 72 A

1250-024 Lisboa

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,
sugerimos que visite o nosso *site*: **www.cavalodeferro.com**

Sendo a existência humana uma alucinação que contém, em si mesma, as alucinações secundárias do dia e da noite (a última um estado insalubre da atmosfera devido ao desenvolvimento orgânico do ar negro), fica mal a qualquer homem sensato preocupar-se com a abordagem ilusória da alucinação suprema conhecida como morte.

De Selby

Como as questões do homem permanecem incertas,
Abordemos o pior que poderá acontecer.

Shakespeare

I

Nem todos conhecem a história de como matei o velho Phillip Mathers, esmagando-lhe o maxilar com uma pá; mas primeiro será preferível que vos fale da minha amizade com John Divney, pois foi ele quem deitou Mathers ao chão, desferindo-lhe um forte golpe no pescoço com uma bomba para bicicleta que ele próprio fizera a partir de uma barra de ferro oca. Divney era um homem forte e educado mas preguiçoso e indolente. Ele foi pessoalmente responsável por toda a ideia. Foi ele quem me disse que levasse a pá. Foi ele quem deu as ordens, nessa altura, mas também as explicações quando estas se tornaram necessárias.

Nasci há muito tempo. O meu pai era um possante agricultor e a minha mãe era dona de uma cervejaria. Vivíamos todos na cervejaria, mas não era uma casa muito boa e estava fechada quase todo o dia porque o meu pai estava fora, a trabalhar na quinta, e a minha mãe estava sempre na cozinha, além disso, não sei por que razão, os clientes nunca apareciam até serem quase horas de dormir; e muito depois disso, no Natal e noutros dias inusitados como esse. Nunca, em toda a minha vida, vi a minha mãe fora da cozinha e nunca vi um cliente durante o dia, se bem que, mesmo à noite, nunca vi mais de dois ou três juntos. Por outro lado, durante parte do tempo, eu estava na cama e é possível que as coisas acontecessem de forma diferente com a minha mãe e com os clientes a horas mais tardias. Não me lembro bem do meu pai, mas ele era um homem robusto e de poucas palavras, a não ser aos sábados, quando falava

de Parnell¹ com os clientes e dizia que a Irlanda era um país estranho. Da minha mãe, lembro-me perfeitamente. O seu rosto estava sempre vermelho e contraído por se debruçar sobre o fogo; estava constantemente a fazer chá para passar o tempo e a cantar fragmentos de antigas canções para se entreter. Conhecia-a bem, mas eu e o meu pai éramos estranhos e não conversávamos muito; de facto, muitas vezes, quando eu estava a estudar na cozinha, à noite, podia ouvi-lo, através da fina porta para a loja, sentado no seu lugar sob o candeeiro a petróleo, a falar, durante horas a fio, com *Mick*, o cão pastor. O que eu ouvia era apenas o zumbido da sua voz, nunca as palavras separadas. Ele era um homem que compreendia perfeitamente todos os cães e os tratava como se fossem seres humanos. A minha mãe tinha um gato, mas tratava-se de um animal selvático, de rua, que raramente era visto e do qual a minha mãe nunca fazia caso. Éramos todos bastantes felizes, de uma forma bizarra e distante.

Depois, certo ano, chegou a altura do Natal e, quando o ano acabou, o meu pai e a minha mãe tinham partido. *Mick*, o cão pastor, ficou muito cansado e muito triste quando o meu pai partiu, e recusava-se a fazer o seu trabalho com as ovelhas; também ele partiu, no ano seguinte. Eu era jovem e tolo, na altura, e não compreendi bem por que razão todas aquelas pessoas me tinham deixado, para onde teriam ido e por que não me teriam dado qualquer explicação antes de partirem. A minha mãe foi a primeira a partir e lembro-me de um homem gordo, de rosto vermelho e fato preto, dizer ao meu pai que não havia dúvida alguma de onde estava, que podia ficar tão certo disso quanto de qualquer outra coisa neste vale de lágrimas. No entanto, não referiu onde e, como achei que se tratava de uma questão muito íntima e que ela podia estar de volta na quarta-feira, não lhe perguntei. Mais tarde, quando o meu pai partiu, pensei que ele a

1 Charles Stewart Parnell (1846–1891): Figura controversa, fundador do Irish Parliamentary Party (Partido Parlamentar Irlandês), foi um líder político nacionalista, defensor da reforma agrária e da independência irlandesa, associado à IRB (Irish Republican Brotherhood, Irmandade Irlandesa Republicana). [N. da T.]

tinha ido buscar num cabriolé; mas, como nenhum deles regressou na quarta-feira seguinte, senti-me triste e decepcionado. O homem de fato preto voltou. Ficou duas noites na casa e estava sempre a lavar as mãos no quarto e a ler livros. Havia mais dois homens; um era pequeno e pálido e o outro alto e moreno, e usava calças de malha justas. Tinha os bolsos cheios de tostões e dava-me um sempre que lhes fazia perguntas. Lembro-me de o homem alto de calças de malha ter dito ao outro:

— Pobre pequeno bastardo desventurado.

Na altura, não o compreendi e pensei que estavam a falar sobre o homem vestido de preto, que se atarefava constantemente no lavatório do quarto. Mas viria a perceber tudo muito bem, mais tarde.

Depois de alguns dias, também fui levado num cabriolé e enviado para uma escola estranha. Era um colégio interno cheio de pessoas que eu não conhecia, umas novas e outras mais velhas. Depressa fiquei a saber que era uma boa escola e uma escola muito cara, mas não paguei nada às pessoas que estavam encarregues dela porque eu não tinha dinheiro nenhum. Tudo isto, e muito mais, vim a compreender claramente mais tarde.

A minha vida naquela escola não tem qualquer interesse a não ser por uma coisa. Foi ali que, pela primeira vez, fiquei a saber algo sobre de Selby. Certo dia, agarrei distraidamente num livro velho e esfarrapado na sala de estudos do professor de Ciências e guardei-o no bolso, para o ler na cama na manhã seguinte, pois tinha acabado de me ser concedido o privilégio de ficar deitado até mais tarde. Eu devia ter uns dezasseis anos e era o dia sete de Março. Continuo a achar que esse dia foi o mais importante da minha vida e lembro-me dele mais prontamente do que do meu aniversário. O livro era uma primeira edição de *Golden Hours* à qual faltavam as duas últimas páginas. Quando fiz dezanove anos e completei a minha formação, já sabia que o livro era valioso e que, ao ficar com ele, o estava a roubar. Ainda assim, guardei-o na minha mala sem hesitar e, provavelmente, voltaria a fazer o mesmo se voltasse atrás.

Talvez seja importante para a história que vou contar recordar que foi por de Selby que cometi o meu primeiro pecado grave. E foi por ele que cometi o meu maior pecado.

Por essa altura, eu já sabia há muito qual era a minha posição no mundo. Todos os meus parentes estavam mortos e um homem chamado Divney trabalhava na quinta e vivia nela até que eu pudesse regressar. Ele não era dono de nenhuma parte dela e recebia cheques semanais pagos por um gabinete repleto de advogados de uma cidade distante. Eu nunca tinha conhecido aqueles advogados e nunca tinha conhecido Divney, mas, na verdade, todos eles trabalhavam para mim e o meu pai tinha pago em dinheiro para que assim fosse, antes de morrer. Quando eu era mais novo, pensava que o meu pai devia ser um homem muito generoso para fazer aquilo por um rapaz que não conhecia bem.

Quando saí da escola, não fui directamente para casa. Passei alguns meses noutros locais, a alargar os meus horizontes e a tentar descobrir quanto me custaria uma edição completa da obra de de Selby e se seria possível receber por empréstimo algumas das obras menos importantes dos seus comentadores. Num dos locais onde estive para alargar os meus horizontes, sofri, certa noite, um grave acidente. Parti a perna esquerda (ou, se preferirem, foi-me partida) em seis pontos diferentes e, quando fiquei de novo bom para seguir caminho, tinha uma perna de madeira, a esquerda. Sabia que tinha pouco dinheiro, que ia regressar a uma quinta rochosa e que a minha vida não seria fácil. No entanto, estava, por essa altura, seguro de que não seria à agricultura, ainda que tivesse de trabalhar nela, que dedicaria a minha vida. Eu sabia que o meu nome, a ser recordado, seria recordado juntamente com o de de Selby.

Lembro-me com todos os pormenores da tarde em que regressei a minha casa, com um saco de viagem em cada mão. Eu tinha vinte anos; era uma alegre e amarela tarde de Verão e a porta da cervejaria estava aberta. Atrás do balcão, estava John Divney, inclinado para a frente junto ao painel da desprezível cerveja com o seu espigão bifurcado, os braços

cuidadosamente cruzados e o rosto baixo sobre um jornal que se encontrava aberto em cima do balcão. Tinha cabelo castanho e era razoavelmente belo, ainda que pequeno e entroncado; os ombros tinham alargado com o trabalho e os braços eram grossos como pequenos troncos de árvore. Tinha um rosto calmo e educado, com olhos como os de uma vaca, melancólicos, castanhos e pacientes. Quando sabia que alguém havia entrado, não interrompia a sua leitura; no entanto, a sua mão ganhava vida própria, agarrava num pano e começava a limpar o balcão em lentos movimentos húmidos. Depois, continuando a ler, movia as mãos, uma sobre a outra, como se estivesse a abrir uma concertina em todo o seu comprimento, e perguntava:

— Uma girafa?

«Girafa» era o que os clientes chamavam a uma caneca de *Coleraine*. A cerveja preta mais barata do mundo. Disse que queria jantar e referi o meu nome e posto. Depois fechámos a loja e fomos para a cozinha, onde ficámos quase toda a noite a comer, a conversar e a beber uísque.

O dia seguinte era quinta-feira. John Divney disse que o seu trabalho estava feito e que estaria pronto a regressar a casa, onde se encontravam os seus, no sábado. Dizer que o seu trabalho estava feito não era verdade, porque a quinta estava em mau estado e quase todo o trabalho do ano estava ainda por começar. No entanto, no sábado disse que ainda tinha algumas coisas para acabar e que não poderia trabalhar no domingo mas que estaria em posição de me entregar a quinta em ordem na terça-feira à noite. Na segunda-feira teve de tratar de um porco doente e isso atrasou-o. No final da semana estava mais atarefado do que nunca e o passar de mais dois meses não pareceu aliviar ou reduzir as suas tarefas urgentes. Eu não me importava muito, pois, ainda que fosse um trabalhador indolente e pouco aplicado, era satisfatório no que a companhia dizia respeito e nunca pedia qualquer remuneração. Eu próprio fazia pouco, passando quase todo o tempo a organizar os meus papéis e a ler com ainda maior atenção as páginas de de Selby.

Ainda não tinha passado um ano inteiro quando me apercebi de que Divney usava a palavra «nós» nas suas conversas e, pior do que isso, a palavra «nosso». Dizia que a quinta não era tudo o que podia ser e falava em contratar alguém. Não concordei com isso e disse-lho, afirmando que não eram necessários mais de dois homens numa quinta tão pequena e acrescentando, para minha grande infelicidade, que éramos pobres. Depois disso, tornou-se inútil tentar dizer-lhe que eu era o dono de tudo. Comecei a dizer a mim mesmo que, ainda que eu fosse dono de tudo, ele era meu dono.

Passaram-se quatro anos razoavelmente felizes para ambos. Tínhamos uma boa casa e produzíamos bastante comida boa, mas havia pouco dinheiro. Quase todo o meu tempo era passado a estudar. Com as minhas poupanças, comprou a obra completa dos dois principais comentadores, Hatchjaw e Bassett, e uma cópia do Códice de de Selby. Também me havia dedicado à tarefa de aprender, na perfeição, francês e alemão para poder ler as obras dos outros comentadores nessas línguas. Divney trabalhava sofredoramente na quinta durante o dia e falava ruidosamente na cervejaria à noite, servindo bebidas. Certa vez, perguntei-lhe como corriam as coisas na cervejaria e ele disse-me que estávamos a perder dinheiro todos os dias. Não o compreendi porque os clientes, tendo em conta as vezes que eu escutava através da porta fina, eram bastante numerosos e Divney estava sempre a comprar fatos completos e elegantes alfinetes de gravata. No entanto, não disse grande coisa. Bastava-me que me deixassem em paz porque eu sabia que o meu próprio trabalho era mais importante do que eu.

Certo dia, no início do Inverno, Divney disse-me:

— Não posso perder muito mais do meu dinheiro neste bar. Os clientes queixam-se da cerveja. Sei que é uma cerveja muito má porque eu também tenho de beber um pouco, de vez em quando, para lhes fazer companhia e não me sinto bem de saúde por causa da espuma dela. Terei de partir por dois dias e viajar um pouco para ver se é possível arranjar uma marca de cerveja melhor.

Ele desapareceu na manhã seguinte, na sua bicicleta, e quando regressou cheio de pó e cansado da viagem, ao fim de três dias, disse-me que estava tudo bem e que poderíamos esperar quatro barris de uma cerveja melhor na sexta-feira. A cerveja chegou pontualmente nesse dia e foi bem recebida pelos clientes da cervejaria naquela mesma noite. Era produzida numa qualquer cidade do Sul e conhecida como *Wrastler*. Quem bebesse três ou quatro canecas perdia, quase sempre, para a cerveja. Os clientes louvavam-na muito e, quando a tinham dentro de si, cantavam e gritavam, e por vezes deitavam-se no chão ou na estrada, lá fora, em grande torpor. Alguns queixavam-se depois de terem sido roubados enquanto se encontravam naquele estado, e vociferavam na loja, na noite seguinte, sobre dinheiro roubado e relógios de ouro que desapareciam das suas correntes. John Divney não lhes dizia muito sobre o assunto e não o mencionava de todo comigo. Gravou as palavras «CUIDADO COM OS CARTEIRISTAS» em letras garrafais num cartão e pendurou-o nas prateleiras atrás do balcão, ao lado de um aviso sobre cheques. Ainda assim, raramente passava uma semana sem que algum cliente se queixasse depois de uma noite com a *Wrastler*. Não era nada satisfatório.

À medida que o tempo foi passando, Divney foi ficando cada vez mais abatido por causa daquilo a que chamava «o bar». Disse que ficaria satisfeito se se pagasse a si mesmo, mas duvidava que isso alguma vez acontecesse. O Governo era, em parte, responsável pela situação, devido aos pesados impostos. Não se achava capaz de continuar a suportar o fardo das perdas sem alguma ajuda. Eu disse-lhe que o meu pai tinha uma qualquer forma antiquada de gerir a cervejaria que tornava possível obter lucro mas que ele a devia fechar se continuava a perder dinheiro. Divney respondeu que entregar uma licença era um assunto muito sério.

Foi mais ou menos nesta altura, quando eu tinha quase trinta anos, que eu e Divney começámos a ser apelidados de melhores amigos. Durante anos, antes disso, eu raramente saía. Isso acontecera por eu estar tão atarefado com o meu trabalho que quase não tinha tempo; além disso, a minha perna de

madeira não era muito boa para andar. Depois aconteceu algo que mudou tudo isso; e, depois de ter acontecido, eu e Divney nunca abandonávamos a companhia um do outro durante mais de um minuto, fosse de dia ou de noite. Passava o dia todo com ele, na quinta, e à noite sentava-me no velho cadeirão do meu pai, por baixo do candeeiro, num canto da cervejaria, a realizar o trabalho que podia com os meus papéis, no meio do ruído, do estrépito e das vozes acaloradas que acompanhavam sempre a *Wrastler*. Se Divney fosse de visita a casa de um vizinho, ao domingo, eu ia com ele e regressava a casa com ele, nunca antes ou depois dele. Se ele partia para outra cidade, na sua bicicleta, para encomendar cerveja ou sementes de batata, ou mesmo para «visitar uma certa pessoa», eu seguia, na minha própria bicicleta, ao lado dele. Levei a minha cama para o quarto dele e dava-me ao trabalho de só dormir depois de ele adormecer e de estar bem acordado uma boa hora antes de ele começar a despertar. Certa vez, quase falhei na minha vigilância. Lembro-me de ter acordado com um sobressalto, nas primeiras horas da madrugada, numa noite escura, e de o ter encontrado a vestir-se em silêncio, na escuridão. Perguntei-lhe aonde ia e ele disse-me que não era capaz de dormir e que pensara que dar um passeio lhe faria bem. Eu disse que estava em igual situação e fomos os dois, juntos, dar um passeio na noite mais fria e molhada que alguma vez conheci. Quando regressámos, ensopados, disse-lhe que era tolo da nossa parte dormirmos em camas diferentes com um tempo tão agreste e enfiei-me na cama ao lado dele. Ele não disse grande coisa, dessa vez ou em qualquer outra. Passei a dormir sempre com ele, depois disso. Éramos amigáveis e sorriámos um para o outro, mas a situação era bizarra e nenhum de nós gostava dela. Os vizinhos não tardaram em reparar em como éramos inseparáveis. Partilhávamos esta condição de estarmos sempre juntos há quase três anos e eles diziam que nós éramos os dois melhores cristãos de toda a Irlanda. Diziam que a amizade humana era uma coisa linda e que eu e Divney éramos o mais nobre exemplo dela na história do mundo. Quando outras pessoas se zangavam, discutiam ou discordavam, perguntavam-lhes porque é que não podiam ser mais parecidas comigo e